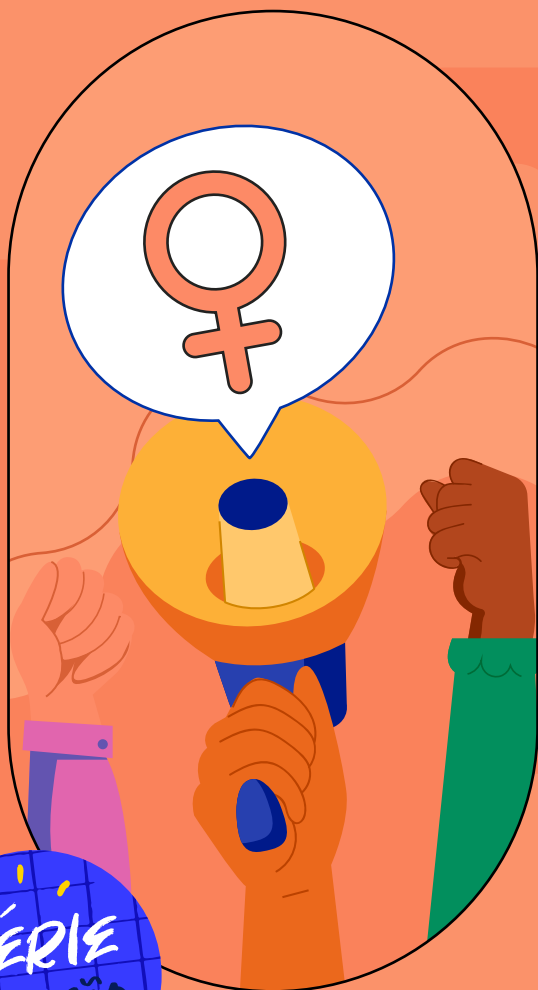


É possível um homem tornar-se feminista?

Multiplicando informações para a construção de uma sociedade equitativa



Adriane Roso
André Oliveira Costa
Caroline Matos Romio
Mirela Massia Sanfelice
Tais Fim Alberti



2023



É possível um homem tornar-se feminista?

Multiplicando informações para a construção de uma sociedade equitativa

Adriane Roso
André Oliveira Costa
Caroline Matos Romio
Mirela Massia Sanfelice
Tais Fim Alberti

1.^a Edição

Santa Maria
Pró-Reitoria de Extensão - UFSM
2023

**Reitor**

Luciano Schuch

Vice-Reitora

Martha Bohrer Adaime

Pró-Reitor de Extensão

Flavi Ferreira Lisboa Filho

Pró-Reitora Adjunta de Extensão**Geoparques**

Jaciele Carine Vidor Sell

Cultura e Arte

Vera Lucia Portinho Vianna

Desenvolvimento Regional e Cidadania

Victor de Carli Lopes

Articulação e Fomento à Extensão

Rudiney Soares Pereira

Taís Drehmer Stein

Daniel Luís Arenhardt

Subdivisão de Apoio a Projetos de Extensão

Alice Moro Neocatto

Subdivisão de Divulgação e Eventos

Aline Berneira Saldanha

Revisão Textual

Matheus Lenarth Cardozo

Projeto Gráfico e Diagramação

Natássia Gabaia

E10

É possível um homem tornar-se feminista [recurso eletrônico] :
multiplicando informações para a construção de uma sociedade
equitativa / Adriane Roso ... [et al.]. – 1. ed. – Santa Maria/RS : UFSM,
Pró-Reitoria de Extensão, 2023.
1 e-book : il. – (Série Extensão)

ISBN 978-65-85653-14-5

1. Feminismo 2. Masculinidades 3. Direitos Humanos 4. Psicologia
I. Roso, Adriane II. Título.

CDU 396

Ficha catalográfica elaborada por Lizandra Velede Arabidian - CRB-10/1492
Biblioteca Central - UFSM



Esta obra está licenciada com uma Licença [Creative Commons](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/)
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

CONSELHO EDITORIAL

Prof^a. Adriana dos Santos Marmorini Lima

Universidade do Estado da Bahia - UNEB

Prof. José Pereira da Silva

Universidade Estadual da Paraíba - UEPB

Prof. Leonardo José Steil

Universidade Federal do ABC - UFABC

Prof^a. Lucilene Maria de Sousa

Universidade Federal de Goiás - UFG

Prof^a. Maria Lucila Reyna

Universidad Nacional del Litoral - UNL

Prof^a. Maria Santana Ferreira dos Santos Milhomem

Universidade Federal do Tocantins - UFT

Prof. Odair França de Carvalho

Universidade de Pernambuco - UPE

Prof^a. Olgamir Amancia Ferreira

Universidade de Brasília - UnB

Prof. Olney Vieira da Motta

Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro - UENF

Prof. Roberto Ángel Medici

Universidad Nacional de Entre Ríos - UNER

Prof^a. Simone Cristina Castanho Sabaini de Melo

Universidade Estadual do Norte do Paraná - UENP

Prof^a. Tatiana Ribeiro Velloso

Universidade Federal do Recôncavo da Bahia - UFRB

CÂMARA DE EXTENSÃO

Flavi Ferreira Lisboa Filho

Presidente

Jaciele Carina Vidor Sell

Vice-Presidente

José Orion Martins Ribeiro

PROPLAN

Marcia Regina Medeiros Veiga

PROGRAD

Michele Forgiarini Saccol

CCS

Monica Elisa Dias Pons

CCSH

Andre Weissheimer de Borba

CCNE

Suzimary Specht

Politécnico

Marta Rosa Borin

CE

Thiago Farias da Fonseca Pimenta

CEFD

Marcia Henke

CTISM

Adriano Rudi Maixner

CCR

Graciela Rabuske Hendges

CAL

Ana Beatris Souza de Deus Brusa

CT

Tanea Maria Bisognin Garlet

Palmeira das Missões

Fabio Beck

Cachoeira do Sul

Evandro Preuss

Frederico Westphalen

Regis Moreira Reis

TAE

Elisete Kronbauer

TAE

Suélen Ghedini Martinelli

TAE

Isabelle Rossatto Cesa

DCE

Daniel Lucas Balin

DCE

Jadete Barbosa Lampert

Sociedade

PARECERISTA AD HOC

Felipe Bragagnolo

Cartilha aprovada em sessão ordinária da Câmara de Extensão no dia 17/08/2022. O conteúdo desta cartilha é de total responsabilidade de seus autores, que se comprometem com as informações e imagens nela contidas, não respondendo a Pró-Reitoria de Extensão por reclamações de terceiros. A essa premissa, excetua-se apenas as ilustrações da capa e folha de rosto, pertencentes ao projeto gráfico desenvolvido pela PRE.

APRESENTAÇÃO



Ilustração: Adriane Roso

Trata-se de cartilha que objetiva compartilhar conhecimentos sobre o feminismo para homens. O movimento feminista tem se constituído como dispositivo fundamental nas lutas por relações de gênero equitativas. Por meio das diferentes perspectivas feministas, mulheres têm se empoderado e construído processos de conscientização acerca das opressões as quais tem sido submetidas. Oportunizar material que apresente os feminismos, suas origens, seus conceitos e suas estratégias pode colaborar com a integração dos homens às lutas por justiça social. Entendemos que a extensão apresenta sua importância e potencialidade ao fomentar a relação

entre a universidade e a sociedade, possibilitando com essa relação a troca de conhecimentos, experiências entre a comunidade acadêmica e local através do desenvolvimento de processos de aprendizado por práticas cotidianas. A cartilha foi desenvolvida em integração entre docentes e discentes do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFSM. Ela compõe a ação de extensão do Núcleo Vidas Pensamentos Feministas - Para a divulgação, construção e articulação de uma psicologia social feminista (Número do Projeto 057298) organizado pelo “VIDAS - Núcleo de Pesquisa, Ensino e Extensão em Psicologia Clínica e Social”. Considerando a Política de Extensão, ela integra a área temática dos Direitos Humanos e Justiça. Estima-se que a cartilha oportunize processos de conscientização, através da disposição de informações que problematizem as inequidades sociais e estimulem relações mais igualitárias, solidárias e dialógicas.

SUMÁRIO

1	VAMOS CONVERSAR SOBRE FEMINISMO?	9
2	AFINAL, DE ONDE SURGE ESSE TAL DE FEMINISMO?	15
3	GÊNERO, O QUE É?	20
4	O QUE SIGNIFICA IDEOLOGIA DE GÊNERO?	23
5	VOCÊ SABE O QUE É VIOLÊNCIA DE GÊNERO?	26
6	O QUE É FEMINISMO?	30
7	O QUE NÃO É FEMINSIMO?	35
7.1	O FEMINISMO ODEIA OS HOMENS?	36
7.2	AS FEMINISTAS ESTÃO APENAS SE FAZENDO DE VÍTIMAS?	38
7.3	O FEMINISMO NÃO É MAIS NECESSÁRIO, POIS AS MULHERES JÁ CONQUISTARAM TUDO QUE PRECISAM?	39
7.4	AS FEMINISTAS IGNORAM AS DIFERENÇAS BIOLÓGICAS?	43

7.5	AS FEMINISTAS SÃO BRABAS, AGRESSIVAS E INFELIZES?.....	44
7.6	O FEMINISMO REJEITA MULHERES QUE ASSUMEM PAPÉIS TRADICIONAIS DE GÊNERO?.....	46
7.7	O FEMINISMO É CONTRA A FAMÍLIA?.....	48
7.8	AS FEMINISTAS ODEIAM SER MÃES E NÃO GOSTAM DE CRIANÇAS?.....	49
7.9	AS FEMINISTAS BRASILEIRAS SÓ QUEREM IMITAR AS AMERICANAS?.....	51
7.10	TORNAR-ME FEMINISTA VAI ME FAZER MENOS MASCULINO?.....	53
8	COMO JUNTAR-SE AOS MOVIMENTOS FEMINISTAS: ALGUMAS DICAS	56
9	PARA FINALIZAR NOSSA CONVERSA, MAS SEM PARAR POR AQUI	60
	REFERÊNCIAS	62
	SOBRE AS\OS AUTORAS\ES	67

VAMOS CONVERSAR SOBRE FEMINISMO?

1



Ilustração: Adriane Roso

A palavra “feminismo” nunca esteve tão presente na boca do povo, nas mídias sociais, nos jornais e na televisão como nos últimos anos. A busca pela palavra vem crescendo desde 2015, batendo recorde de buscas no Google, no Brasil. Em 2018, os movimentos de mulheres nas eleições impulsionaram pesquisas sobre o termo.¹

É muito legal isso, de as pessoas quererem se informar sobre o que está acontecendo na nossa socieda-

1 GIANTOMASO, I. (2018). Feminismo e Frida batem recorde de buscas no Google no Brasil. **Estadão**. Capitu. 06\12\2028. <https://arte.estadao.com.br/focas/capitu/materia/feminismo-bate-recorde-de-buscas-no-google-no-brasil-frida-e-a-mulher-mais-pesquisada>

de, quais os debates e bandeiras que se têm levantado. Entretanto, temos percebido que há muitas distorções e interpretações baseadas em informações sem evidências. Você já deve ter escutado coisas do tipo mulher feminista é ‘feia’ ou ‘bicho-cabeludo’ (estética), ‘braba’ ou ‘agressiva’ (comportamental), ‘mal-comida’ ou ‘machorra’ (sexualidade), ‘comunazi’ (política). E se a pessoa que você gosta ou ama se tornar feminista? E se alguém te chamasse com esses termos só porque você quer lutar por relações sociais mais justas?

Uma das principais bandeiras do movimento feminista é a luta por relações mais justas e equitativas entre todas as pessoas. Enquanto a noção de igualdade tem como ideia central que todas as pessoas devem ser tratadas de modo igual, pois são regidas pelas mesmas regras/normas e devem ter direitos e deveres iguais (princípio da universalidade), a noção de equidade defende que as pessoas não são todas iguais, pois nascem em contextos e condições diferentes.



Ilustração: Adriane Roso

Assim, é preciso considerar e ajustar esse “desequilíbrio injusto”. A noção de equidade está relacionada, portanto, a dar às pessoas o que elas precisam para chegar às mesmas condições que as outras, de modo que todos tenham acesso às mesmas oportunidades. Isso significa possibilitar quem tem condições desfavoráveis a atingir um patamar de vida mais justo. A equidade se opõe à iniquidade, enquanto as diferenças se opõem às semelhanças. A equidade integra as diferenças em vez de apagá-las ou padronizá-las. Cada pessoa é um sujeito que merece pleno acesso à cidadania, independentemente de suas características pessoais.

Pois bem, é sobre isso que gostaríamos de conversar com você. Defendendo que as políticas feministas são inclusivas, queremos incluir você, homem, nesse debate. Convidamos você, então, a pensar conosco sobre feminismo. A conversa será por meio de perguntas e compartilhamento de ideias e conhecimentos com base na nossa experiência na psicologia e nos estudos reconhecidos pela comunidade científica.

Já faz alguns anos que temos pensado sobre isso no nosso núcleo de trabalho, o VIDAS. Somos um grupo de pessoas que se reúne regularmente para estudar, pesquisar e debater sobre as relações e os vínculos entre as pessoas. Acreditamos que é urgente buscar informações em pesquisas científicas para construir e sustentar nossos argumentos, caso contrário criamos uma hiper-representação social sobre os fenômenos que nos cercam, isto é, criamos falas, discursos e práticas nos quais as **representações sociais** sobre as mulheres, sobre os

homens, sobre as coisas “são construídas sem nenhuma consideração com a realidade do objeto”, [podendo] “distorcer, contar mentiras, iludir e confundir”² sobre aquilo que realmente trata o movimento feminista.

Como construir ações e estratégias entre homens e mulheres sustentadas nas ciências e não em representações sociais distorcidas? Apostamos na atividade do pensar, de modo a não assumir “de primeira” tudo que dizem por aí, sem reflexão. Ao fornecer algumas informações sobre os movimentos feministas, esperamos propiciar a você elementos que o instigue a pensar sobre suas posições e atitudes referentes às relações entre homens e mulheres. Ousando um pouco mais, desejamos lhe inquietar e estimular para pensar sobre a possibilidade de um homem juntar-se às feministas nas lutas por equidade e, quem sabe, tornar-se um aliado ao feminismo.

É importante que você saiba, já de início, que o movimento feminista é diverso em seu modo de pensar e que algumas feministas são contrárias ao homem se dizer “feminista”, mas há certo consenso entre as feministas de que um homem pode, e deve ser, pró-feminismo, apoiar as mulheres feministas nas lutas, sem, contudo, tirar o protagonismo delas (referido como “**lugar de fala**”).

Você não precisa decidir agora se quer seguir conosco nessa luta, mas gostaríamos que você nos acompanhasse até o fim dessa cartilha, de modo que você tenha mais informações para romper com alguns mitos

2 JOVCHELOVITCH, S. **Os contextos do saber**. Petrópolis: Vozes, 2011, p.76.

e assim poder sustentar sua tomada de posição sobre feminismo e sobre aquelas pessoas que, como nós, se assumem feministas. Se você puder começar usando sua capacidade imaginativa e pensar num mundo diferente do que temos hoje, mais justo para as mulheres, já é um bom começo. Que tal começarmos perguntando:

Como seria o mundo se mulheres pudessem acessar cargos políticos, de gestão em equidade com os homens?

Como seriam as relações entre as pessoas, se as mulheres não fossem designadas de modo solitário aos trabalhos de reprodução e cuidado?

Como seria a distribuição de recursos se as mulheres detivessem condições pareadas de acesso econômico?

Como seria o nível de bem-estar social se as mulheres não precisassem viver suas vidas buscando se proteger das violências?

QUER SABER MAIS?



Organização Mundial da Saúde (2017). **Precisamos falar com os homens? Uma jornada pela igualdade de gêneros.** ONU Mulheres Brasil. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LBB029RxJA0>.

Partindo do movimento #ElesPorElas, o documentário mostra que a igualdade de gênero é uma questão que afeta a todos e todas e que, portanto, é benéfica a homens e mulheres.



Ribeiro, D. (2020). **Lugar de fala** (Feminismos Plurais, Sueli Cordeiro, coord.). São Paulo: Jandaíra.

Em um pequeno livro, a autora explica o que a expressão “lugar de fala” significa. Salienta a importância de pensar quem são as pessoas que conseguem e podem falar sobre suas experiências em um contexto brasileiro marcado pela cultura patriarcal, colonial, racista e classista.

Equidade	Considerando o critério de justiça, a equidade é a adaptação da regra existente à situação concreta. Possibilitando que a justiça dê atenção aos diferentes em concordância com as suas diferenças.
VIDAS	Núcleo de Pesquisa, Ensino e Extensão em Psicologia Clínica e Social do Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal de Santa Maria.
Representações sociais	São definidas como crenças e explicações compartilhadas em um tempo histórico e em determinados contextos sociais e culturais. Elas têm uma finalidade prática, de orientação para o agir no mundo ³ . São imagens que condensam múltiplos significados que possibilitam que as pessoas interpretem o que está acontecendo ⁴ .
Lugar de Fala	Conceito que sinaliza a necessidade de as minorias sociais falarem do lugar que ocupam no debate público, sem serem silenciadas, pelos grupos privilegiados que costumam determinar o debate.

3 MOSCOVICI, S. **Psicanálise, sua imagem e seu público**. Petrópolis: Vozes, 2012

4 JODELET, D. **Madness and Social representations**. Hemel Hempstead: Harvester Wheatsheaf, 1991.

AFINAL, DE ONDE SURGE ESSE TAL DE FEMINISMO?

2



Ilustração: Adriane Roso

Vejam só! Ao que tudo indica, o termo “feminismo” foi registrado textualmente pela primeira vez por um homem, o pensador francês Charles Fourier (1772-1837), quando publicou o livro “Teoria dos quatro movimentos” e defendeu a importância das conquistas de direitos das mulheres para o avanço da sociedade. Pela década de 1870, as expressões “feminismo” e “feminista” já eram utilizadas em países como a França e o Reino Unido. Porém, esses termos enquanto expressão da defesa de igualdade de gêneros e o estabelecimento de



direitos políticos, sociais e econômicos para as mulheres, só vieram a aparecer mais tarde⁵.

O feminismo, nas suas diferentes vertentes modernas, tem origem no século XVIII e suas bases intelectuais remetem ao Iluminismo. A Revolução Francesa se estabeleceu através da construção de um horizonte de liberdade, igualdade e fraternidade para todos, mediante a luta de classes entre a nobreza e a burguesia, com importante atuação das classes trabalhadoras. Nesse contexto, Olympe de Gouges elabora em 1789 a sua “Declaração Universal dos Direitos da Mulher e da Cidadã”, e Mary Wollstonecraft apresenta a sua “Reivindicação dos Direitos da Mulher”, em 1794. Ambas eram pacifistas e abolicionistas, lutaram pelo acesso das mulheres à educação, ao letramento e aos direitos cívicos equivalentes aos dos homens. Devido a sua defesa de pautas progressistas, Olympe de Gouges foi condenada à morte na guilhotina.

É nesse momento, em meados do século XIX, em países como França, Reino Unido e Estados Unidos, que se inicia a Primeira Onda Feminista. De caráter político, filosófico e intelectual, ela reivindicava a igualdade de direitos entre os homens e as mulheres. Suas lutas se voltavam contra as diferenças na capacidade de conquistar propriedades, contra casamentos arranjados que ignoravam os direitos individuais de escolha das mulheres. Nesse momento, as mulheres se articularam na busca pela sua emancipação de um estado civil dependente e subordinado. Elas também reivindicavam a sua incorpo-

⁵ DICIONÁRIO. **Oxford English Dictionary**. Oxford University Press: Oxford, 1990.

ração no estado moderno industrializado como cidadãos nos mesmos termos que os homens. A luta pelo direito ao voto marcou esse período.

QUER SABER MAIS?	
	<p>As sufragistas (Suffragette). Drama biográfico. Direção: Sarah Gavron. Roteiro Abi Morgan. Elenco: Carey Mulligan, Helena Bonham Carter, Meryl Streep. 2015.106 minutos. Color.</p> <p>No início do século XX, um grupo de mulheres organiza atos de insubordinação, de modo a chamar a atenção dos políticos locais às reivindicações das mulheres. A protagonista é uma mulher comum, da classe social operária, que se integra às lutas de outras mulheres.</p>
	<p>Wollstonecraft, M. (2017). Reivindicação dos Direitos das Mulheres. São Paulo: Boitempo.</p> <p>Considerado um dos documentos fundadores do feminismo, o livro denuncia a exclusão das mulheres do acesso a direitos básicos no século XVIII, especialmente o acesso à educação formal.</p>

Na segunda metade do século XX, outras reivindicações entram no cenário. O movimento luta por uma nova forma de relacionamento entre homens e mulheres, em que esta última pudesse ter liberdade e autonomia para decidir sobre sua vida. É nesse momento, da segunda onda, que se articula a pauta dos direitos sexuais e reprodutivos integrados aos direitos humanos. Esses direitos correspondem, para as mulheres, à possibilidade da tomada de decisões sobre seus corpos, sua sexualidade e suas escolhas reprodutivas de modo pleno, livre e igual.

Como se movimentasse em “ondas”, o movimento feminista vai se espalhando. As ideias feministas foram disseminadas através de um movimento coletivo, que foi crescendo cada vez mais ao longo dos anos e pelos continentes. Os Estados Unidos tiveram um papel importante nessa disseminação, principalmente para os países da América Latina, pois muito do que as feministas diziam e faziam era propagado com intensidade pelas mídias internacionais jornalísticas e televisivas da época.

Sempre em transformação, a partir dos anos 1990, o movimento feminista passa a ser marcado mais fortemente por outras pautas sociais, como questões raciais, de classe social, étnicas, sexuais, regionais e de identidade. Esse período se configura em um momento de intensa reflexão e consolidação das teorias feministas, ao mesmo tempo em que se acentuam as críticas, especialmente pelas feministas negras e viventes em países colonizados, ao essencialismo do movimento, quer dizer, reivindicavam que não era suficiente se organizar na luta pelos direitos das mulheres como se todas as experiências fossem iguais. Era preciso considerar outros marcadores sociais, como classe social, raça, etnia, nacionalidade e religiosidade/espiritualidade.

Foi nesse contexto de descontentamento, carências e imperfeições que os “Estudos de Gênero” surgiram nas universidades visando ampliar o debate sobre as iniquidades e levando em conta as especificidades históricas e sociais vivenciadas pelas mulheres e outras minorias sociais. Essa palavra, “gênero”, você já deve ter ouvido muitas vezes. Frequentemente ela tem sido mal

interpretada e utilizada de modo distorcido. Para muitas pessoas, ela causa um desconforto e, por isso, precisamos entender sua origem no contexto feminista e seus significados. Vamos “destrinchar” gênero?

Você já se sentiu incomodado com essa expressão?

Vamos "destrinchar" o que se entende por esse termo?

GÊNERO, O QUE É?

3



Ilustração: Adriane Roso

Apoiadas pelos “Estudos de Gênero”, uma área especializada de estudos e pesquisas importantes nas universidades norte-americanas, as feministas começam a ampliar o significado do que era “ser mulher”. Apesar de reconhecerem os fatores biológicos e as características anatômicas na vida humana, elas demonstraram que a cultura e os fatores psicossociais interferiam diretamente nas relações entre homens e mulheres. Por isso, a filósofa Simone de Beauvoir⁶ vai afirmar “não se nasce, mas se torna mulher”, frase que se tornou emblemática para o movimento feminista.

6 BEAUVOIR, S. **O Segundo Sexo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018.

Nesse caso, “tornar-se” marcava a transição de um entendimento e até de uma mudança na linguagem: do sexo (biológico) ao gênero (social). Assim, para marcar e demonstrar essa “mudança”, a partir da metade do século XX, um grupo de estudiosas começou a utilizar o termo gênero como uma categoria de análise social, buscando “introduzir uma noção relacional em nosso vocabulário⁷” de estudos e pesquisas.

Com o passar do tempo, a palavra “gênero” passou a ser amplamente aceita e utilizada pelas feministas devido à ênfase ao caráter relacional, ou seja, a perspectiva de que as expressões de feminilidade e masculinidade ocorrem em contextos de relações humanas permeados por referências culturais, históricas, sociais e políticas. Sexo/gênero passa a ser entendido como uma unidade, já que não existe sexualidade biológica independente do contexto social.

Você conhece esse estudo?

Um grupo de crianças era apresentado a uma história sobre um cientista “muito muito inteligente” sem gênero definido. Posteriormente, as crianças eram convidadas a escolher a imagem (fotos de homens e mulheres) que correspondesse ao cientista. A maioria das meninas e meninos de cinco anos imaginavam a personagem da história atribuindo o seu próprio gênero, isto é, se a criança fosse menina, ela dizia que a personagem da história era uma mulher, se fosse menino, a personagem era um homem. Com seis anos de idade, essa tendência mudava, meninos e meninas passavam a imaginar majoritariamente o cientista “muito muito inteligente” como homem⁸.

7 SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil para análise histórica. In HOLANDA; H. B. de (org.), **Pensamento feminista. Conceitos fundamentais**, pp.49-82. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, p.50.

8 BIAN, L.; LESLIE, S. J.; CIMPIAN, A. Gender stereotypes about intellectual ability emerge early and influence children's interests. **Science**, v. 355, n. 6323, p. 389–391, 2017.

O que podemos concluir desse estudo?

O fato de os padrões de gênero tolherem a imaginação de meninas quanto as suas habilidades intelectuais e as possibilidades de mulheres se tornarem cientistas determina uma limitação que pode restringir escolhas desde tenra idade. Nesse sentido, os padrões de socialização pautados em modelos limitantes de gênero reduzem as possibilidades de escolhas de meninos e meninas desde pouca idade e podem gerar sofrimento psíquico, pois seus desejos serão frustrados.

O QUE SIGNIFICA IDEOLOGIA DE GÊNERO?

4




Ilustração: Adriane Roso


Se muitas pessoas não compreendem o que é gênero e distorcem o significado dessa expressão, imagine, então, associar a esta palavra a uma outra que também pode gerar confusões. Já demonstramos que gênero é uma categoria de análise importante para compreendermos as relações entre as pessoas e como um instrumento de luta por equidade. Ideologia, por sua vez, tem muitos sinônimos no senso comum, como: modos de pensar, conjuntos de ideias, cosmovisões. Para nós aqui, o importante é reconhecer que, assim como o gênero, a ideologia também adquiriu conotações pejorativas. Assim, ao juntar essas duas palavras, grupos de atores sociais e instituições religiosas conservadoras das igrejas

católicas e pentecostais envolvidos nas mobilizações antigênero acusam as feministas e os grupos de defesa de direitos a promoverem, por meio de uma “ideologia de gênero”, a destruição da família, dos bons costumes, dos valores cristãos e a estimularem a libertinagem.

Podemos dizer que a expressão é uma invenção fictícia, uma falácia, uma afronta à cidadania, cujos efeitos discursivos contribuem para o acirramento das iniquidades entre homens e mulheres, causando sofrimento psíquico especialmente naqueles grupos sociais que têm sido constantemente injustiçados e agredidos. “Ideologia de gênero é um termo inventado por preconceituosos que não aceitam a diversidade do comportamento sexual humano”⁹. Enfim, a criação do termo ideologia de gênero serviu para atacar pessoas que lutam pelo acesso equitativo aos direitos cívicos e políticos das minorias, fere a democracia e os princípios que regulam os direitos humanos.

QUER SABER MAIS?	
	JUNQUEIRA, R. D. A invenção da "ideologia de gênero": a emergência de um cenário político-discursivo e a elaboração de uma retórica reacionária antigênero. Revista Psicologia Política . São Paulo, v. 18, n. 43, p. 449-502, dez. 2018. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-549X2018000300004&lng=pt&nrm=iso

9 VARELLA, D. **Ideologia de gênero**. UOL. Drauzio, 2019. Revisado em: 13 de agosto de 2021. <https://drauziovarella.uol.com.br/drauzio/artigos/ideologia-de-genero-artigo/>

	<p>Este artigo busca investigar a gênese do sintagma "ideologia de gênero" por meio da análise de documentos eclesiais e textos de autores/as religiosos/as e laicos/as, em diálogo com as reflexões nas ciências sociais e nos estudos de gênero. Rastreia a configuração de um cenário político-discursivo em que setores da Santa Sé e aliados históricos engajaram-se na elaboração de uma retórica antigênero. Em nome da defesa da "família natural", atacam políticas de igualdade de gênero e garantias de não discriminação e outros direitos fundamentais.</p>
	<p>Dip, A. (2016). Existe “ideologia de gênero”? Agência de Jornalismo Investigativo, 30 agosto. https://apublica.org/2016/08/existe-ideologia-de-genero/</p> <p>Entrevista com a doutora em Educação Jimena Furlani, que desenvolveu extensa pesquisa sobre o assunto, na qual explica os equívocos do conceito.</p>

VOCÊ SABE O QUE É VIOLÊNCIA DE GÊNERO?

5

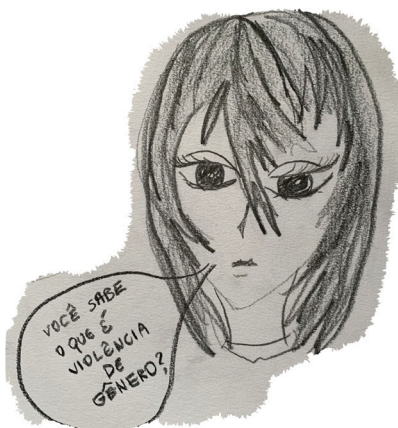


Ilustração: Adriane Roso

Em suas diferentes facetas - feminicídio, estupro, mutilação de órgãos sexuais, violência doméstica, etc. - a violência de gênero é aquela que é dirigida tanto a homens quanto a mulheres e que são causadas em decorrência do gênero. Ela tem suas raízes nas iniquidades de gênero e na não aceitação da diversidade sexual e da orientação sexual. Se reproduz por meio da cultura patriarcal, utilizando-se das escolas, das igrejas, da família e de outras instituições, e se fortalece por meio de atitudes e comportamentos aprendidos historicamente e socialmente, sem que haja reflexão sobre seus efeitos.

Embora as estatísticas evidenciem que homens sofrem violência cotidianamente no mundo todo, os casos de violência contra as mulheres são estatisticamente preocupantes. Mas não apenas isso. A violência contra as mulheres, frequentemente, ocorre por elas serem mulheres; é o gênero que causa a especificidade da violência. Também é preocupante que os autores de violência contra mulheres e homens sejam majoritariamente homens.

Importantes organizações internacionais, como a ONU Mulheres, relataram que houve um aumento dos casos de violência doméstica em todo o mundo desde os primeiros meses de isolamento social devido à pandemia de Covid-19, com base nos pedidos de ajuda através de contatos telefônicos dos canais de atendimentos dos serviços especializados¹⁰. No Brasil, em 2020, cerca de 17 milhões de mulheres sofreram violência física, psicológica e/ou sexual. Isso significa dizer que, durante esse período, a cada minuto oito mulheres sofreram algum tipo de violência no Brasil¹¹.

Também se sabe que a problemática da violência não se restringe aos grandes centros urbanos. A cidade de Santa Maria, no Rio Grande do Sul (RS), por exemplo, registra alto índice de homens condenados por violência contra as mulheres. Há registros formais de 745 casos

10 ONU BRASIL. **Chefe da ONU alerta para aumento da violência doméstica em meio à pandemia do coronavírus**, 2020. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/chefe-da-onu-alerta-para-aumento-da-violencia-domestica-em-meio-a-pandemia-do-coronavirus/>

11 FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. **Visível e Invisível: A Vitimização de Mulheres no Brasil**. 3ª edição. São Paulo, 2022

de lesão corporal, 09 feminicídios tentados, 04 feminicídios consumados, 65 casos de estupro e 1.159 casos de ameaça às mulheres¹². Dentre as cidades que compõem a 2ª Região Penitenciária, Júlio de Castilhos, RS, também apresenta um número elevado de registros de violência contra as mulheres: 45 casos de lesão corporal, 01 feminicídio tentado, 01 feminicídio consumado, 04 casos de estupro e 101 casos de ameaça¹³.

Por que isso acontece? Inúmeros são os fatores que elevam a violência contra as mulheres. Dentre eles, encontra-se o fato do trabalho remunerado como um ponto fundamental da vivência das masculinidades de diversos homens. Devido ao aumento da vulnerabilidade econômica e desemprego da população, a perda do lugar de provedor da família tem agravado o aumento das agressões no ambiente doméstico.

É importante lembrar que os homens autores de violência não são somente “agressores”, mas, sim, homens comuns que transitam em vários territórios e (re) produzem a sua masculinidade conforme a cultura na qual estão inseridos. Em termos de produção de subjetividade, precisamos repensar nossas práticas envolvendo uma perspectiva feminista das masculinidades. Logo, é preciso trilhar por outros caminhos, de modo adicional

12 RIO GRANDE DO SUL. Secretaria de Planejamento, Orçamento e Gestão (RS). **FEE Dados**, 2019. Disponível em: <http://feedados.fee.tche.br/feedados/>.

13 RIO GRANDE DO SUL. **Secretaria de Planejamento, Orçamento e Gestão do Estado do Rio Grande do Sul** (RS). Fundação de Economia e Estatística. DEEDados. Disponível em: <http://feedados.fee.tche.br/feedados/> Acesso em 19 jan. 2021

e não substitutivo ao pesquisar sobre a violência contra as mulheres. Nesse sentido, acreditamos que um caminho a trilhar é apostar na potência do movimento feminista para transformar as relações de gênero.

Você conhece esse estudo?

Um estudo desenvolvido em 2014 observou que a população brasileira ainda acredita que conflitos intrafamiliares devem ser resolvidos no âmbito doméstico. Entre os entrevistados, 63% concordaram, total ou parcialmente, que “casos de violência dentro de casa devem ser discutidos somente entre os membros da família”. Também, 89% dos entrevistados tenderam a concordar que “a roupa suja deve ser lavada em casa”; e 82% que “em briga de marido e mulher não se mete a colher”¹⁴.

O que podemos concluir desse estudo?

O estudo sinaliza que a população adere a uma visão da família nuclear patriarcal, onde o homem ainda ocupa um local de dominância. Isso faz com que a sociedade não se comprometa coletivamente pelo fim da violência doméstica, entendendo esse como um problema privado. No entanto, quando pensamos sobre a magnitude da violência doméstica, devemos reconhecer que esse é um fenômeno socialmente tolerado, e o seu combate exige o comprometimento de todos. Preocupante, não? Pois como uma pessoa agredida, violentada conseguirá sair desse contexto se não pode recorrer à alguma pessoa que não a pessoa agressora?

14 INSTITUTO ECONÔMICO DE PESQUISA APLICADA. **Sistema de Indicadores de Percepção Social. Tolerância Social à Violência Contra Mulheres**. 2ª Edição, 2014. Disponível em: https://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/SIPS/140327_sips_violencia_mulheres_novo.pdf.

O QUE É FEMINISMO?

6



Ilustração: Adriane Roso

Feminismo é um movimento social crítico e plural. É um movimento criado por mulheres (ao redor do mundo) para combater o sistema do **patriarcado**, o **sexismo**, o **machismo** e o **masculinismo** que (re)produzem a exploração e a opressão milenar por parte dos homens. Seu objetivo é que as mulheres coletivamente acessem direitos e recursos equitativos aos dos homens, tanto nos espaços públicos quanto nos privados, e que possam ter a sua autonomia e a sua integridade respeitada. O que não é sobre isso, não é feminismo.

O feminismo se constitui a partir do acolhimento da pluralidade e da constante reflexão sobre si mesmo e, por isso, não está livre de tensionamentos e de contradição. Nesse sentido, podemos considerar que existem feminismos, no plural, pois nele estão incorporadas diferentes correntes, como o Feminismo Liberal, o Feminismo Socialista, o Feminismo Decolonial, e que elas, muitas vezes, se somam umas às outras.

Se, em seus primórdios, as lutas do movimento centravam-se mais no sexismo e no machismo, agora é trazida à pauta os efeitos das combinações entre diferentes marcadores sociais e que essas conjugações têm características e intensidades diferentes de acordo com o grupo social que as afetam. Hoje, podemos entender que o feminismo é um compromisso ético, político, teórico e prático com a transformação das estruturas dos sistemas políticos e econômicos antidemocráticos, cujas dinâmicas de opressão sustentam-se no **machismo estrutural**, na **homofobia**, na **lesbofobia**, na **transfobia** e no **racismo**¹⁵.

15 CONSULTAR HOOKS, b. **Teoria Feminista: da margem ao centro**. Tradução Ranier Patriota. São Paulo: Perspectiva, 2019. p.11.

GLOSSÁRIO

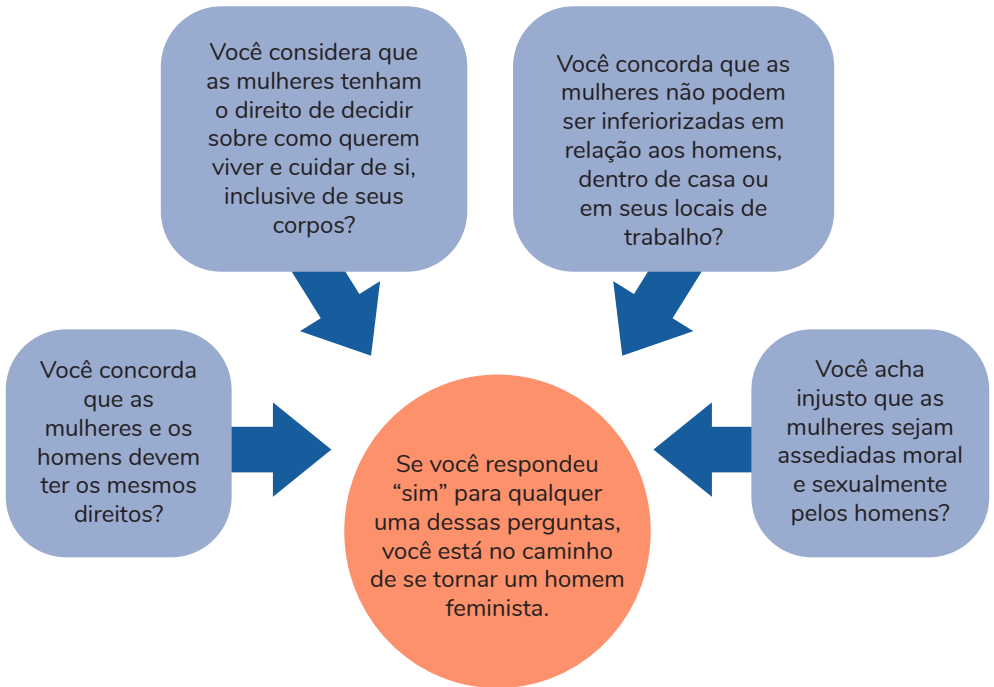
Patriarcado	Forma de organização social em que o homem, o patriarca, exerce poder no campo político, econômico, religioso, societário ou detém o papel dominante dentro da família, em relação à mulher. Dessa forma, o patriarca é o chefe da unidade social familiar e constitui a base para o modelo familiar tradicional. Está associado à divisão sexual do trabalho, na qual o homem exerce o trabalho produtivo remunerado exercido no espaço público e a mulher o trabalho reprodutivo no espaço privado. Também está associado ao controle do corpo das mulheres pelos homens.
Sexismo	Preconceito decorrente da sociedade patriarcal. É uma atitude discriminatória baseada no sexo e nos estereótipos a ele associados. O sexismo se traduz em palavras, gestos, comportamentos ou ações que marginalizam, inferiorizam, discriminam ou excluem especialmente as mulheres.
Machismo	Modo de pensar e agir baseado na ideia de que o homem domina socialmente a mulher e que, como tal, tem direito a privilégios. Nesse sentido, a virilidade é destacada de forma exacerbada e excludente, o que desencadeia a percepção de que as mulheres são inferiores. Derivada da lógica machista, os homens devem ocupar local de destaque em todas as áreas, conter sob seu poder as instituições de Estado, justiça e religião, entre outras. Ainda, o machismo pode envolver a misoginia (que corresponde ao ódio contra as mulheres) e as expressões sociais extremas do machismo incluem todas as formas de violência contra as mulheres. O machismo advém do patriarcado.
Masculinismo	Movimento que luta pela manutenção do machismo. Corresponde ao conjunto de ideias que defendem a posição dominante do homem na sociedade e os privilégios a ela associados. O masculinismo reafirma as diferenças culturais mais arcaicas entre homens e mulheres, justificando com argumentos biológicos. Não é a contrapartida "masculina" do feminismo, mas sim um movimento antifeminista reacionário.

Machismo estrutural	A construção, a organização, a disposição e a ordem dos elementos que compõe o corpo social, dando sustentação à dominação masculina, branca, heterossexual (entre outros atributos), em detrimento da condição autônoma do feminino, da mulher e de todos os gêneros que escapem a qualquer classificação binária na sociedade e em seus aspectos subjetivos. Em sua estrutura, o machismo, longe de ser algo natural, é a forja do enaltecimento do que é socialmente construído ao longo dos tempos como ‘masculino’, um ininterrupto exercício de poder hegemônico por estabelecer o ‘masculino’ como condição natural e referência, a norma, o moralmente correto, a fonte e a causa de todos os comportamentos socialmente aceitos, ponto de partida e termo para toda inteligência e ação no mundo ¹⁶ .
Homofobia	Práticas e discursos que carregam e propagam preconceito, discriminação e violência contra pessoas homossexuais.
Lesbofobia	Práticas e discursos que carregam e propagam o preconceito, discriminação e violência contra mulheres lésbicas.
Transfobia	Práticas e discursos que carregam e propagam o preconceito, discriminação e violência contra pessoas transexuais e travestis. ¹⁷

16 HINZE, **Machismo Estrutural e Privilégios do Homem**. 24\06\2019. <https://heliohintze.com.br/post/machismo-estrutural-e-privilegios-do-homem/20>

17 Conceito construído com base em três autores (Vala, Davis e Foucault), ampliado por nós: 1 - Vala, J. Racismos: representações sociais, preconceito racial e pressões normativas. In JESUÍNO, J. C. et al (orgs.), **As representações sociais nas sociedades em mudança**, pp.153-183. Petrópolis:Vozes, 2015. 2 – DAVIS, A. **Uma autobiografia**. São Paulo: Boitempo, 1974, e 3 – FOUCAULT, M. Em defesa da sociedade. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

Racismo	É uma teoria social inscrita e cotidianamente reinscrita nas instituições e no pensamento social. Não se trata, como é comum pensar, de um traço de personalidade ou uma atitude banal, individual ou intergrupal, que inferioriza uma pessoa, ou grupos sociais, com base nas características físicas, genéticas, estéticas desta, ou destes grupos. Por de trás dessa teoria está uma questão também econômica, já que o racismo consiste em um instrumento político utilizado pelas pessoas abastadas, privilegiadas (usualmente brancas) para elevar os lucros obtidos – ao pagar menos pelo trabalho do operariado negro, indígena, ou de pessoas que são degeneradas, anormais, da raça considerada ruim, inferior.
----------------	---



O QUE NÃO É FEMINSIMO?

7

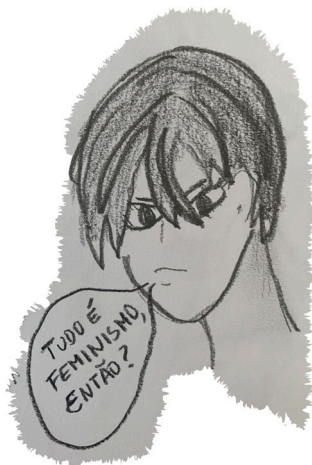


Ilustração: Adriane Roso

Infelizmente, a palavra feminista, assim como a própria ideia do feminismo, é reduzida a estereótipos e, frequentemente, as pessoas repercutem percepções errôneas sobre o feminismo. Essas percepções limitam as possibilidades de multiplicação do feminismo e reforçam as desigualdades de gênero, que se tornam naturalizadas nas práticas cotidianas, como, por exemplo, tornar-se “normal” que os altos cargos de chefia sejam predominantemente ocupados por homens.

Assim, observa-se que o feminismo é um movimento que sofre críticas e deturpações devido a confusões e maus entendimentos, especialmente na internet,

onde erroneamente ideias não feministas são compartilhadas como se representassem o movimento feminista e as feministas. Então, nem tudo que você ouve por aí se trata de feminismo, viu? Só é feminismo se as ações e discursos se sustentam na luta pela equidade de gênero!

Você talvez já tenha lido que o feminismo prega o ódio aos homens, ou que o feminismo vai destruir as expressões tradicionais de gênero e de família, ou ainda deve ter escutado falar sobre “feminazis” – termo pejorativo que associa feminismo com nazismo – mulheres que violentamente tentam impor uma visão de mundo e das coisas às outras pessoas. Esses são mitos que precisam ser tensionados, pois eles produzem um efeito negativo nas relações sociais; elas “jogam as pessoas umas contra as outras” e estimulam, muitas vezes, a violência e o ataque a feministas.

Percebemos que há muitas ideias distorcidas sobre feminismo. Gostaríamos de desmistificar algumas delas, respondendo a perguntas que têm circulado nas mídias sociais, nos nossos círculos de convivência social, profissional e acadêmica.



7.1 O FEMINISMO ODEIA OS HOMENS?

Não. O feminismo **não** é a crença de que as mulheres são ou deveriam ser superiores aos homens. Também não está vinculado a uma competição entre os gêneros, nem à ideia de vingança entre os gêneros. Assim como misoginia é um termo para designar os homens que têm ódio às mulheres, o termo misandria é usado

para descrever as mulheres que se percebem com sentimentos aversivos em relação aos homens. Misandria não tem nada a ver com o feminismo nem com as lutas feministas.

Identificar-se feminista não significa odiar os homens. Muitos homens (e mulheres) têm uma reação negativa à palavra “feminista” porque imaginam que ela significa algo como “ser contra os homens”. Por causa do sufixo “ista”, equiparam-na à palavra “machista”. Mas isso é uma distorção das ideias feministas baseadas em equívocos. São esses equívocos que levam as pessoas a acreditar que o feminismo tem conotações negativas. Mas, se queremos construir uma sociedade mais justa e equitativa, homens e mulheres precisarão agir de forma integrada. Acreditamos que uma sociedade mais equitativa também irá beneficiar os homens e, nesse sentido, os homens também podem e devem fazer parte das lutas feministas.

O feminismo reconhece que os homens não são integralmente, ou os únicos, responsáveis pelas iniquidades de gênero. A responsabilidade está no **patriarcado**, no **sexismo** e na dominação masculina. Ou seja, o machismo é uma forma de ver o mundo, de criar relações entre as pessoas e de construir subjetividades. O machismo, portanto, é um discurso que faz parte das bases de nossa sociedade, de como nos organizamos socialmente, e que tem efeitos negativos nas pessoas e nos diferentes grupos sociais. Por isso, o feminismo destaca que é necessário um papel ativo das mulheres, mas também dos homens para a superação do sexismo.

QUER SABER MAIS?	
	<p>Ela é linda quando está com raiva. (She's beautiful when she's angry). Documentário. Direção: Mary Dore. 2014. 92 minutos</p> <p>Documentário que apresenta as narrativas de mulheres integrantes do movimento feminista, nos Estados Unidos, entre 1966 e 1971.</p>
	<p>Harmage, Pauline (2021). Eu odeio os homens. Rosa dos Tempos.</p> <p>O livro sofreu ameaças de ser processado sob acusação de incitação ao ódio, entretanto, trata-se de um desabafo sobre como é viver num mundo machista.</p>

7.2 AS FEMINISTAS ESTÃO APENAS SE FAZENDO DE VÍTIMAS?

Não. Você pode pensar que o avanço obtido no acesso das mulheres ao voto, ao emprego e à educação na maioria dos países, nos últimos anos, sinaliza para a constituição de uma sociedade equitativa que dispensa o feminismo. Segundo esse raciocínio, o feminismo estaria ultrapassado e as feministas estariam se vitimizand

Ao longo dos últimos anos, a luta das mulheres obteve muitas conquistas e, certamente, para muitas mulheres é preferível viver no presente a viver em qualquer outro momento da história. Mas essas conquistas não significam que o sexismo não existe mais. Muitos direitos foram previstos à medida que a sociedade foi se

tornando mais equitativa. Contudo, as mulheres ainda não conseguiram ter acesso aos direitos mais básicos que um ser humano pode ter. O acesso a esses direitos de fato ainda é um desafio e uma conquista a ser alcançada pelas mulheres.

Infelizmente, as mulheres ainda são os alvos mais recorrentes de violência doméstica, a invisibilidade dos trabalhos reprodutivos do ambiente doméstico, a ausência de acesso a creches que tornem possível para as mulheres mães trabalharem, o assédio banalizado no cotidiano, entre outras.

7.3 FEMINISMO NÃO É MAIS NECESSÁRIO, POIS AS MULHERES JÁ CONQUISTARAM TUDO QUE PRECISAM?

Reconhecemos todas as conquistas obtidas pelas mulheres nos últimos anos, mas ainda há campos em que as iniquidades se perpetuam. Vejamos algumas delas:

Representação Política¹⁸:

- Na vida política as mulheres são subrepresentadas segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística;

18 Mais informações: <https://www.camara.leg.br/noticias/800827-especialistas-lamentam-baixa-representatividade-feminina-na-politica/>; <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/multidominio/genero/20163-estatisticas-de-genero-indicadores-sociais-das-mulheres-no-brasil.html?=&t=o-que-e>.

- A Câmara Legislativa Federal é composta por apenas 15% de Deputadas mulheres (gestão 2018-2022);
- No Senado, as Senadoras mulheres são apenas 12% do total de Senadores (gestão 2018-2022);
- Das 27 unidades da Federação e o Distrito Federal, na gestão 2018-2022, apenas uma governadora foi eleita, a Governadora Fátima Bezerra (Partido dos Trabalhadores) no estado do Rio Grande do Norte;
- Dos 23 Ministérios que compõem o Governo Federal, no início de 2022, apenas três contavam com a gestão de Ministras mulheres.

Trabalho¹⁹:

- Uma mulher ganha em média 75% do salário de um homem, mesmo no desempenho de funções equivalentes;
- As brasileiras têm 34% mais chances do que os homens de se formar no ensino superior. No entanto, suas chances de conseguir um em-

19 Mais informações: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/multidominio/genero/20163-estatisticas-de-genero-indicadores-sociais-das-mulheres-no-brasil.html?=&t=o-que-e>; <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/trabalho/9171-pesquisa-nacional-por-amostra-de-domicilios-continua-mensal.html?=&t=destaques>; <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2018-03/ibge-mulheres-ganham-menos-que-homens-mesmo-sendo-maioria-com-ensino-superior>.

prego são menores: a empregabilidade delas é de 82% e a deles, 89%;

- O tempo dedicado aos cuidados de pessoas ou a afazeres domésticos é maior entre as mulheres (18,1 horas por semana), do que entre os homens (10,5 horas por semana);
- 37,8% dos cargos gerenciais são ocupados por mulheres, homens ocupam 62,2%;
- Em 2021, o índice de desemprego foi maior entre mulheres que entre os homens;
- A participação de mulheres no mercado de trabalho é 20% inferior em relação a participação dos homens.

Propriedade²⁰:

- Na cidade de São Paulo, a maior cidade da América Latina, as mulheres são proprietárias de apenas 33% dos imóveis;
- Do total de estabelecimentos rurais no país, as mulheres são proprietárias de apenas 19% enquanto os homens detêm 81%.

20 Mais informações: <https://www.embrapa.br/busca-de-noticias/-/noticia/50779965/mapa-embrapa-e-ibge-apresentam-os-dados-sobre-mulheres-rurais>; <https://agenciapatriciagalvao.org.br/mulheres-de-olho/as-mulheres-sao-donas-de-uma-sao-paulo-duas-vezes-menor-do-que-os-homens-por-que/>.

Violência²¹:

- Em 2018, foram registrados 1.206 feminicídios, em 88,8% dos casos o autor foi o companheiro ou ex-companheiro da vítima;
- A maioria das vítimas de feminicídio eram mulheres negras e tinham entre 30 e 39 anos de idade;
- No mesmo ano, foi realizado um registro de violência doméstica a cada 2 minutos. Mais de 263 mil casos de lesão corporal dolosa;
- Houve 66.041 registros de violência sexual no Brasil, 81,8% das vítimas são mulheres e 53,8% tinham menos de 13 anos de idade;
- Apenas no ano de 2021, 100 mil crianças brasileiras foram registradas sem o nome do pai na certidão de nascimento.
- A cada hora, cinco crianças ou adolescentes são vítimas de violência sexual no Brasil²².
- O Brasil é o 5º país no mundo com maior taxa de feminicídio, ou seja, assassinatos femininos no mundo.

21 Mais informações: <https://abre.ai/fSHI>

22 FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. **Anuário brasileiro de segurança pública**. Edição XII. São Paulo, 2019.

Entre março de 2020, mês que marca o início da pandemia de COVID-19 no Brasil, e dezembro de 2021, foram contabilizados 2.452 feminicídios. Isso significa que uma mulher é assassinada a cada 6 horas. Mais de 80% dessas mulheres foram mortas por companheiros ou ex-companheiros²³.

7.4 AS FEMINISTAS IGNORAM AS DIFERENÇAS BIOLÓGICAS?

Não. As iniquidades entre mulheres e homens se manifestam em todos os campos sociais: educacional, profissional, político e familiar. Mas ao que isso se refere exatamente? Que existem diferenças entre os indivíduos, é óbvio. A diferença entre os sexos é uma realidade biológica. Mas a leitura social dessa realidade biológica e os respectivos lugares atribuídos a mulheres e homens na sociedade são uma construção social, não uma ordem natural. Dessa forma, o feminismo não se propõe a invisibilizar as diferenças biológicas. Ele produz reflexões sobre como interpretamos socialmente essas diferenças, quais valores atribuímos a elas e, principalmente, porque usamos elas para legitimar injustiças no acesso aos direitos sociais.

As desigualdades entre mulheres e homens foram construídas historicamente e utilizaram a diversidade biológica para legitimar dinâmicas de injustiça e violên-

23 FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. **Visível e Invisível: A Vitimização de Mulheres no Brasil** - 3ª edição. São Paulo, 2022.

cia. Os princípios constitucionais de igualdade perante a lei de todas as pessoas, mulheres e homens, permaneceram por muito tempo letra morta. Assim, no Brasil, foi necessário esperar até 1932 para que as mulheres tivessem o direito de votar. E, em 1962, o Estatuto da Mulher Casada alterou a situação jurídica deixando de considerar as mulheres incapazes, apesar de mantida a situação da esposa enquanto colaboradora do marido.

7.5 AS FEMINISTAS SÃO BRABAS, AGRESSIVAS E INFELIZES?

Chimamanda Adichie é reconhecida como uma importante escritora e feminista nigeriana. Ela escreveu o livro “Sejamos Todos Feministas”²⁴, atraindo uma nova geração de leitores. Nessa obra, Chimamanda descreve relatos e experiências que viveu com sua luta feminista. Destaca que recebeu conselhos de homens para que não se intitulasse feminista, pois diziam que as feministas eram mulheres infelizes, brabas e agressivas porque não conseguiam o que desejavam. Ela diz, então, que preferiu se intitular como uma “feminista feliz”.



Na verdade, podemos dizer que a palavra feminista recebeu um peso negativo, justamente devido às mulheres questionarem e lutarem por seus direitos. Esses direitos estão relacionados ao trabalho, a frequentar todos os espaços, direito ao estudo e às diferentes profissões, a cargos políticos, entre muitos outros direitos. Quando se

24 ADICHIE, C. **Sejamos todos feministas**. 1ª Edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

supõe que as mulheres que lutam por seus direitos estão sendo agressivas, se desconsidera todo o sofrimento e a injustiça vivenciados por essas mulheres em decorrência das iniquidades de acesso.

Portanto, questionamos: “As feministas são realmente brabas, agressivas e infelizes?” Assim como qualquer um de nós pode ser brabo, agressivo e infeliz, as feministas também podem. Desse modo, há feministas felizes e delicadas como há também as que não são. Criaram-se estereótipos das feministas, quando o movimento surgiu, de que não gostam de homens, são “briguentas” e até mesmo sujas. Esses estereótipos são formas de negação e invisibilização das lutas feminista, muitas vezes devido a um conhecimento equivocado sobre o feminismo e uma **masculinidade feminista**. Também consistem nos efeitos da masculinidade hegemônica (preponderante na sociedade), mais especificamente da **masculinidade tóxica**.

Outro aspecto importante a ser considerado é que quando há luta por direitos, privilégios são desacomodados. A perda desses privilégios faz com que aqueles que se beneficiam da opressão das mulheres tratem com descrédito e desmerecimento as mulheres que buscam superar dinâmicas opressivas.

QUER SABER MAIS?	
	<p>A ideia da Masculinidade Heróica. Christian Ingo Lenz Dunker. TEDx Talks. 2022. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=NRdw-vMjdDLY&list=LL&index=5.</p> <p>Em sua palestra, o Professor Christian Dunker compartilha situações, histórias e cenas que ele ouviu ao longo dos últimos anos, e que retratam a masculinidade no nosso mundo atual.</p>
	<p>Adichie, C. N. (2015). Sejamos todos feministas. São Paulo: Companhia das Letras.</p> <p>Nesse livro bem pequeno, A3, 50 páginas, a autora conta como se deu conta que era feminista. Defende que o feminismo é para todas as pessoas, homens, mulheres, crianças...</p>

7.6 O FEMINISMO REJEITA MULHERES QUE ASSUMEM PAPÉIS TRADICIONAIS DE GÊNERO?

Não. O feminismo se sustenta na busca por respeito às mulheres enquanto coletividade. Nesse sentido, as escolhas individuais das mulheres deverão ser respeitadas e não rejeitadas pelo movimento.

Entretanto, é fundamental questionar os papéis tradicionais de gênero como uma regra social imposta a todas as mulheres, pois a imposição de regras tende a desencadear o desrespeito com mulheres que não correspondem aos papéis tradicionais de gênero. Dessa forma, o movimento feminista não questiona as escolhas estéticas individuais das mulheres, mas apresenta uma pos-

tura crítica quando padrões de estética são impostos a todas as mulheres. Por exemplo, uma mulher casada que deseja dedicar-se exclusivamente ao trabalho do cuidado dos filhos e do ambiente doméstico deve ser respeitada do mesmo modo que uma mulher casada que decide trabalhar integralmente no espaço público. Isso incide na distribuição de funções nos horários em que o/a parceiro/a encontra-se em casa, o que por sua vez implica na desacomodação e transformações de relações sociais instituídas pela visão patriarcal da sociedade.

De fato, no modo como entendemos o movimento feminista, devemos lutar para que o trabalho reprodutivo, de manter uma casa e cuidar de crianças e idosos, seja visibilizado como um trabalho e remunerado como tal para que as mulheres e homens que desejarem desempenhar essa atividade obtenham o reconhecimento social e a autonomia financeira. O movimento feminista, assim, não deve ser contra as mulheres que optam por expressar a feminilidade tradicional. Mas ele se opõe à suposição de que as mulheres devem ser relacionadas unicamente à feminilidade e os homens devem ser ligados unicamente à masculinidade hegemônica.

7.7 O FEMINISMO É CONTRA A FAMÍLIA?

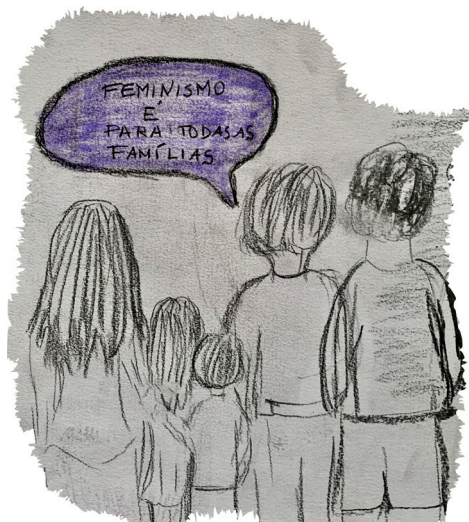


Ilustração: Adriane Roso

Não. Mas, para responder adequadamente a essa pergunta é necessário compreender o que se está entendendo como família. A família enquanto uma união conjugal afetiva é defendida pelo feminismo entendendo que ela pode ser constituída por casais **homoafetivos** ou **heteroafetivos**, que estes podem ter a liberdade de escolha de se unirem por matrimônio civil e/ou religioso ou não, de serem livres para poder decidir por ter ou não ter filhos, decidir como e quando querem ter filhos (parto normal, *in vitro*, adoção, etc.), caso esse for seu desejo.

O modelo impositivo de família como **heteronormativa**, **cissexual**, **patrilinear** e formalizada em cartório ou ambiente religioso é criticado pelo feminismo justa-

mente pelo seu caráter impositivo de lugares que reproduzem lógicas de poder e de dominação. Novamente, aqui não estamos falando de escolhas individuais, mas da imposição jurídica e social que atribui legitimidade apenas a um modelo de família determinado.

7.8 AS FEMINISTAS ODEIAM SER MÃES E NÃO GOSTAM DE CRIANÇAS?

Não. As feministas são mulheres diversas, muitas gostam de ser mães e de conviver com crianças. No entanto, as feministas defendem o direito de as mulheres poderem ter autonomia sobre seus corpos e suas decisões reprodutivas. Em virtude disso, o feminismo luta pela desconstrução da maternidade como destino compulsório para todas as mulheres. O feminismo é um movimento plural e que acolhe em si a diversidade e defende o direito individual das mulheres decidirem, se e quando desejam ter filhos. Dessa forma, o feminismo articula sua luta pela efetivação dos Direitos Sexuais e Reprodutivos. Dentre esses Direitos, um que vem ganhando destaque na agenda política dos países latino-americanos é o da descriminalização do aborto.

Recentemente vimos a “maré verde” tomar o nosso continente, com Argentina (2020), Chile (2021) e Colômbia (2022) descriminalizando a prática da interrupção voluntária da gestação. Eles seguem o exemplo da Guiana Francesa, de Cuba, de Porto Rico e do Uruguai, que já haviam descriminalizado anteriormente. A descriminalização do acesso ao aborto permite que ele seja re-

alizado de modo seguro (sem riscos à saúde da mulher), garantindo a autonomia das mulheres sobre seus corpos e assegurando os Direitos Sexuais e Reprodutivos.

Embora este seja um tema considerado polêmico, falar sobre ele é importante, uma vez que ele tem marcado a trajetória reprodutiva de muitas mulheres. No Brasil, aproximadamente uma em cada cinco mulheres até os 40 anos já terá interrompido ao menos uma gestação²⁵. Na realidade brasileira, essas mulheres são entendidas como criminosas, já que a prática da interrupção voluntária da gestação é compreendida como crime, sendo que a praticante do aborto só não é punida nos casos de gravidez resultante de estupro, nos casos de risco de vida e, conforme decisão do Supremo Tribunal Federal, nos casos de fetos anencéfalos²⁶.

Podemos perceber que a criminalização da prática não impede que ela ocorra, mas obriga as mulheres, especialmente as mais pobres, a fazerem o aborto de modo inseguro, sem o suporte das redes de saúde. Essa falta de suporte pode implicar em riscos de morbidade e mortalidade para as mulheres.

Por isso, é perigoso centralizar o debate sobre o tema em ser favorável ou contrário à prática do aborto. Afinal, não há pessoas que desejem que cada vez se re-

25 DINIZ, Débora; MEDEIROS, Marcelo; MADEIRO, Alberto. Pesquisa Nacional de Aborto 2016. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 2, p. 653-660, fev. 2017

26 BRASIL. Arguição de Descumprimento de Preceito Fundamental. Brasília, DF, Portal do Supremo Tribunal Federal. Brasília, 2013. BRASIL. **Código Penal Brasileiro**. Decreto-Lei Nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940. Brasília. 1940.

alize mais abortos. O debate deve centrar-se em ser favorável ou contrário à criminalização do aborto. No que concerne a ser contrário à criminalização do aborto, essa posição passa pelo reconhecimento de que há injustiça em punir mulheres por suas escolhas reprodutivas e que a criminalização coloca as mulheres, especialmente as mais pobres, em situação de extrema vulnerabilidade e silenciamento.

7.9 AS FEMINISTAS BRASILEIRAS SÓ QUEREM IMITAR AS AMERICANAS?

O Brasil possui singularidades na sua história, por isso, os momentos históricos do feminismo brasileiro possuem particularidades em relação aos movimentos feministas em outras partes do globo. Na nossa história, o movimento feminista foi atravessado pelos 21 anos da ditadura civil-militar iniciada em 1964.

Diferente do contexto norte-americano, muitas mulheres feministas brasileiras foram torturadas durante o período da ditadura militar por defenderem ideias que eram assumidas como “comunistas”. Homens também foram torturados, mas isso não se relacionava a gênero.

Nesse contexto, o movimento feminista esteve articulado tanto pelo acesso das mulheres à educação, ao trabalho, aos direitos plenos como cidadãs e ao fim da violência doméstica, mas também, pela luta pela democracia e pela anistia. Por se desenvolver no contexto da ditadura, o movimento feminista no Brasil esteve intimamente vinculado a outros movimentos sociais e fortemente comprometido com a transformação política.

QUER SABER MAIS?



Ditadura - Depoimento #6 Criméia Almeida.
Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=tzmv0w4s6II>.

Depoimento de Criméia Alice Schmidt de Almeida, que participou na luta contra a ditadura do governo militar brasileiro entre 1964 e 1985, e foi torturada, mesmo estando grávida.



Coimbra, Cecília Maria Bouças. Tortura ontem e hoje: resgatando uma certa história. **Psicologia em Estudo** [online]. 2001, v. 6, n. 2 [Acessado 24 Abril 2022], pp. 11-19. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-73722001000200003>. Epub 10 Jan 2005. ISSN 1807-0329.

Esse artigo analisa, de forma breve, a prática da tortura em nosso país, a partir do golpe militar de 1964 e, notadamente, após o Ato Institucional nº 5, de 1968. Conclui, assinalando como, no início deste novo século, as práticas de tortura continuam existindo, dirigidas para certos segmentos da população.

7.10 TORNAR-SE FEMINISTA VAI ME FAZER MENOS MASCULINO?



Ilustração: Adriane Roso


Não. Olha só, cada vez mais, homens de todas as nacionalidades, com diferentes orientações sexuais, bio-tipo físico e modo de viver estão desconstruindo a **masculinidade tóxica** e se assumindo feministas, sem perder suas características principais.

Muitos homens desejam uma sociedade justa e equitativa, mas têm medo de, ao defenderem uma nova sociedade, na qual as mulheres serão escutadas e respeitadas, perder suas identidades. Existe o mito de que se um homem se tornar feminista não será mais “masculino”, perderá sua masculinidade, ou até mesmo teme ser rotulado de “efeminado”.

Agora, existem outros tipos de masculinidades para além da masculinidade hegemônica, que usual-

mente preponderam. Um tipo de masculinidade é a **masculinidade feminista**, que se contrapõe à masculinidade tóxica. Podemos dizer que a masculinidade feminista é a desconstrução da masculinidade hegemônica.

GLOSSÁRIO	
Homoafetivos	Conceito relacionada aos afetos homossexuais, ou seja, aos afetos entre pessoas do mesmo sexo.
Heteroafetivos	Refere-se aos afetos entre pessoas de sexo opostos.
Heteronormativo	Estabelece como norma a heterossexualidade e categorias rígidas, distintas e complementares de masculino e feminino.
Cissexual	Cissexual é sinônimo de cisgênero. Pessoa cis. A pessoa que se identifica com o sexo biológico ao qual nasceu.
Patrilinear	Relativo à descendência paterna, em que a descendência é contatada pela linha paterna. O que envolve herança de sobrenomes, propriedades ou títulos através da linha masculina.
Masculinidade tóxica	É a masculinidade patriarcal. Caracterizada por um conjunto de regras e normas que determinam o comportamento específico esperado para uma pessoa do sexo masculino e que impacta de modo negativo à saúde e a vida das pessoas.
Masculinidade feminista	É a construção de um novo modelo de masculinidade, baseada na equidade e na construção de uma sociedade mais justa.

QUER SABER MAIS?	
	<p>MEDRADO, B. (2016). Homens no feminismo. Precisamos falar com os homens Drops #6. ONU Mulheres Brasil. https://www.youtube.com/watch?v=lyd5du-6UBM</p> <p>Benedito Medrado, professor e um dos fundadores do Instituto Gema, discorre sobre como o feminismo envolve homens e mulheres.</p>
	<p>HOOKS, b. O feminismo é pra todo mundo: políticas arrebatadoras. 16ª Edição. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2021.</p> <p>Nesse livro, a autora cita o que é a masculinidade feminista. Destaca que, à medida que o movimento feminista progredia, ativistas feministas viam que os homens não eram o problema, mas sim o patriarcado, o sexismo e a dominação masculina.</p>
	<p>URZAIZ, B. G. Nove exemplos de machismo cotidiano que deveriam ser erradicados. El País, Estilo. 30 dezembro, 2017. https://brasil.elpais.com/brasil/2017/12/30/estilo/1514655163_405027.html</p>

COMO JUNTAR-SE AOS MOVIMENTOS FEMINISTAS: ALGUMAS DICAS

8



Ilustração: Adriane Roso

Como vimos, o feminismo se sustenta na articulação e construção de estratégias para a superação das iniquidades de acesso a direitos e recursos entre homens e mulheres. Por isso, conversar sobre feminismo é viabilizar um diálogo que busca a superação das injustiças sociais. Nosso esforço deve ser sempre o de compreender como todos somos responsáveis pela superação desse apagamento da participação das mulheres nos espaços público, político e de trabalho, bem como da invisibilidade dos trabalhos domésticos e das situações de violência. Ainda que componham a maioria da população, as mulheres estão submetidas a estruturas sociais que são propostas, geridas e definidas por homens.

COMO JUNTAR-SE AOS MOVIMENTOS FEMINISTAS: ALGUMAS DICAS

QUESTIONE OS ESTEREÓTIPOS DE GÊNERO E A MASCULINIDADE TÓXICA

Quando um amigo disser que “homem não chora” ou “que homem resolve na porrada”, pergunte por que ele pensa assim, pergunte se ele nunca teve vontade de chorar. Relembre a ele que os homens são ensinados desde cedo que precisam ser mais agressivos, não demonstrar afeto, não chorar, mas que esses estereótipos fazem com que muitos homens adoçam. Além do adoecimento, a masculinidade tóxica repercute na violência contra as mulheres. Gerando, assim, efeitos negativos na vida tanto das mulheres quanto na dos homens.

EXPRESSE SEUS SENTIMENTOS E CONVERSE SOBRE ELAS

Diga aos seus amigos como você se sente quando alguém maltrata sua companheira, sua filha, sua mãe, sua amiga. Demonstre seus sentimentos e encoraje seus amigos e familiares a não sentir vergonha de expressar suas emoções, pois demonstrar os sentimentos constrói as relações sociais de modo mais respeitoso e solidifica laços afetivos. A expressão de sentimentos por parte dos homens melhora a saúde mental e física.

USE SUA POSIÇÃO SOCIAL PARA INFLUENCIAR OUTROS HOMENS

Utilize sua posição social enquanto homem para multiplicar a masculinidade feminista. Como gestor, professor, trabalhador ou estudante, compartilhe informações que sustentem relações equitativas de gênero. O conhecimento adquirido por você pode ser transmitido a outros homens que ainda não têm acesso a esse material e outras publicações.

IDENTIFIQUE SEUS COMPORTAMENTOS SEXISTAS E MISÓGINOS

Homens e mulheres estão inseridos em uma sociedade machista e podem incorrer em falas e posicionamentos machistas. Por isso, reflita quando alguém disser que o seu comportamento é sexista e misógino. Posicione-se criticamente em relação a piadas sexistas como “lugar de mulher é na cozinha”, “a mulher sabe é pilotar fogão”, “em briga de marido e mulher não se mete a colher”. Comentários que desvalorizam as mulheres e sua participação social estão na base do sistema social que repercute em violência de gênero. Combata discursos sexistas que reforçam e reproduzem modelos binários de um ideal de homem e de um ideal de mulher.

NÃO ESPERE TRATAMENTO ESPECIAL PORQUE VOCÊ É HOMEM

Em sociedades patriarcais, os homens brancos, heterossexuais, cis estão acostumados a receber tratamento diferenciado e acessar mais facilmente recursos (dinheiro, títulos educacionais, posições de chefia, etc.). Para mexer com essa estrutura machista, você pode começar em casa, dividindo as atividades domésticas, se responsabilizando, de modo igual, pelos cuidados dos dependentes – crianças e idosos.

VOTE EM MULHERES QUE APOIAM E SE ENVOVEM COM AS LUTAS FEMINISTAS

Se as mulheres compõem 51,8% da população brasileira, o que justifica que sua participação política e laboral seja inferior à dos homens? Para alcançar a igualdade entre os gêneros, é necessário construir uma sociedade onde homens e mulheres compartilhem poder e influência de forma equitativa e ambos tenham acesso à educação, saúde, trabalho decente, meios de subsistência e capacidade de definir os rumos da gestão pública. Para isso é necessário fortalecer a representação das mulheres nos processos de tomada de

decisão, melhorar seu acesso a recursos e oportunidades e reduzir sua vulnerabilidade à violência e ao conflito.

CRIE CORAGEM E SE ASSUMA COMO FEMINISTA

Publique em suas redes sociais, vá à manifestação com cartazes ou camiseta afirmando “Sou um homem feminista”. Esse ainda é um tema recentemente debatido no Brasil, mas muito importante e necessário. Assumir-se como um homem feminista, ao contrário do que podem pensar é um ato de muita coragem, consciência e conhecimento sobre homens e masculinidades.

PARTICIPE DE GRUPOS DE REFLEXÃO E CONSCIENTIZAÇÃO

Os grupos reflexivos ou de conscientização são uma alternativa jurídica e psicossocial para romper com os ciclos de violência e promover a responsabilização e reflexão através das transformações das relações de gênero para os homens. São conduzidos usualmente por psicólogas preparadas pelos Estudos de Gênero ou por outro profissional. Procure uma clínica escola de Psicologia ou outro espaço que ofereça grupos dessa natureza.

PARA FINALIZAR NOSSA CONVERSA, MAS SEM PARAR POR AQUI

9

Foi muito bom conversar com você. Desejamos que tenha se sentido acolhido por nós, feministas. Não pudemos acompanhar seus pensamentos e ideias enquanto você leu essa cartilha, mas se você chegou até aqui é porque algo te moveu. Esperamos que os conhecimentos sobre o movimento feminista e os tópicos efervescentes e complexos que abordamos aqui tenham efeitos de “quero saber mais sobre isso”. Ainda, desejamos que os conhecimentos e informações compartilhados possam ser compartilhados por você com seus amigos, colegas e familiares.

Que possamos todas e todos, no nosso cotidiano, nos comprometermos com uma sociedade mais justa, inclusiva e equitativa. Isso começa com uma boa conversa!



Ilustração: Adriane Roso

Adriane, André, Caroline, Mirela e Tais.

Visite nosso Blog

<https://psicologiasocialbrasileira.blogspot.com/>

REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda. **Sejamos todos feministas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

AGÊNCIA PATRÍCIA GALVÃO. **As mulheres são donas de uma São Paulo duas vezes menor do que os homens: por quê?** Instituto Patrícia Galvão, 2017. Disponível em: <https://agenciapatriciagalvao.org.br/mulheres-de-olho/as-mulheres-sao-donas-de-uma-sao-paulo-duas-vezes-menor-do-que-os-homens-por-que/>. Acesso em: 16 fev. 2023.

ALMEIDA, Criméia. **Ditadura - Depoimento #6**. AmorRevoluçãoTV, 2011. Youtube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=tzvn0w4s6II>. Acesso em: 16 fev. 2023.

As sufragistas (Suffragette). Direção: GAVRON, Sarah. Produção de WARD, Alison Owen Faye. Reino Unido: Universal Pictures, 2015.

BEAUVOIR, Simone. **O Segundo Sexo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018.

BIAN, L.; LESLIE, S. J.; CIMPIAN, A. Gender stereotypes about intellectual ability emerge early and influence children's interests. **Science**, v. 355, n. 6323, p. 389–391, 2017.

BITTAR, Paula. **Especialistas lamentam baixa representatividade feminina na política**. Agência Câmara de Notícias. Brasília: Câmara dos Deputados. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/noticias/800827-especialistas-lamentam-baixa-representatividade-feminina-na-politica/>. Acesso em: 16 fev. 2023.

BRASIL. **Código Penal Brasileiro**. Decreto-Lei Nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940. Brasília. 1940.

BRASIL. **Arguição de Descumprimento de Preceito Fundamental 54/DF**. Brasília, DF, Portal do Supremo Tribunal Federal. Brasília, 2013.

COIMBRA, Cecília M. B. **Tortura ontem e hoje**: resgatando uma certa história. *Psicologia em Estudo* [online]. v. 6, n. 2, p. 11-19, 2001. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-73722001000200003>. Acesso em: 16 fev. 2023.

DAVIS, Angela. **Uma autobiografia**. São Paulo: Boitempo, 1974.

DICIONÁRIO. Oxford Advanced Learner's Dictionary. Oxford University Press. Oxford. 1990.

DINIZ, Débora; MEDEIROS, Marcelo; MADEIRO, Alberto. **Pesquisa Nacional de Aborto 2016**. *Ciência & Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 22, n. 2, p. 653-660, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-81232017222.23812016>. Acesso em: 16 fev. 2023.

DIP, Andrea. Existe “ideologia de gênero”? Pública: **Agência de Jornalismo Investigativo**, 2016. Disponível em: <https://apublica.org/2016/08/existe-ideologia-de-genero/>. Acesso em: 16 fev. 2023.

DUNKER, Christian I. L. **A ideia da Masculinidade Heróica**. TEDx Talks, 2022. Youtube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=NRdwwMJdDLY&list=LL&index=5>. Acesso em: 16 fev. 2023.

Ela é linda quando está com raiva. (She's beautiful when she's angry). Documentário. Direção: DORE, Mary Dore. Produção de BOLL, Pamela T. *et al.* Estados Unidos da América, 2014.

EMBRAPA. Mapa, Embrapa e IBGE apresentam os dados sobre mulheres rurais. Brasília: **Embrapa**, 2020. Disponível em: <https://www.embrapa.br/busca-de-noticias/-/noticia/50779965/mapa-embrapa-e-ibge-apresentam-os-dados-sobre-mulheres-rurais>. Acesso em: 16 fev. 2023.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. **Anuário brasileiro de segurança pública**. Edição XII. São Paulo, 2019.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. **Visível e Invisível: A Vitimização de Mulheres no Brasil**. 3ª edição. São Paulo, 2022

FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

GANDRA, Alana. IBGE: Mulheres ganham menos que homens mesmo sendo maioria com ensino superior. Brasília: **Agência Brasil**. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2018-03/ibge-mulheres-ganham-menos-que-homens-mesmo-sendo-maioria-com-ensino-superior>. Acesso em: 16 fev. 2023.

GIANTOMASO, Isabela. Feminismo e Frida batem recorde de buscas no Google no Brasil. **Estadão**. Capitu. 2018. Disponível em: <https://arte.estadao.com.br/focas/capitu/materia/feminismo-bate-recorde-de-buscas-no-google-no-brasil-frida-e-a-mulher-mais-pesquisada>. 16 fev. 2023.

GOUGES, Olympe de. **Declaração dos Direitos da Mulher e Cidadã**. Santa Maria: UFSM, 1791. Disponível em: <https://www.ufsm.br/app/uploads/sites/414/2018/10/DeclaraDirMulherCidada1791RecDidaPESSOALJNETO.pdf>. Acesso em: 16 fev. 2023.

HARMAGE, Pauline. **Eu odeio os homens**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2021.

HINTZE, Helio. **Machismo Estrutural e Privilégios do Homem**. Site Helio Hintze, 2019. Disponível em: <https://heliointze.com.br/post/machismo-estrutural-e-privilegios-do-homem/20>. Acesso em: 16 fev. 2023.

HOOKS, bell. **O feminismo é pra todo mundo: políticas arrebatadoras**. 16ª Edição. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2021.

HOOKS, bell. **Teoria Feminista: da margem ao centro**. Trad. Ranier Patriota. São Paulo: Perspectiva, 2019.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Estatísticas de Gênero - Indicadores sociais das mulheres no Brasil. Brasília: **IBGE**. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/multidominio/>

genero/20163-estatisticas-de-genero-indicadores-sociais-das-mulheres-no-brasil.html?=&t=o-que-e. Acesso em: 16 fev. 2023.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. PNAD Contínua - Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua. Brasília: **IBGE**. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/trabalho/9171-pesquisa-nacional-por-amostra-de-domicilios-continua-mensal.html?=&t=destaques>. Acesso em: 16 fev. 2023.

INSTITUTO ECONÔMICO DE PESQUISA APLICADA. **Sistema de Indicadores de Percepção Social**. Tolerância Social à Violência Contra Mulheres. 2ª Edição, 2014. Disponível em: https://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/SIPS/140327_sips_violencia_mulheres_novo.pdf. Acesso em: 16 fev. 2023.

JODELET, Denise. **Madness and Social representations**. Hemel Hempstead: Harvester Wheatsheaf, 1991.

JOVCHELOVITCH, Sandra. **Os contextos do saber**. Petrópolis: Vozes, 2011.

JUNQUEIRA, Rogério D. **A invenção da ideologia de gênero: a emergência de um cenário político-discursivo e a elaboração de uma retórica reacionária antigênero**. Revista Psicologia Política, São Paulo, v. 18, n. 43, p. 449-502, 2018. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-549X2018000300004. Acesso em: 16 fev. 2023.

MEDRADO, Benedito. **Homens no feminismo**. Precisamos falar com os homens Drops #6. ONU Mulheres Brasil, 2016. Youtube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=lyd5du-6UBM>. Acesso em: 16 fev. 2023.

MOSCOVICI, Serge. **Psicanálise, sua imagem e seu público**. Petrópolis: Vozes, 2012.

ONU BRASIL. **Chefe da ONU alerta para aumento da violência doméstica em meio à pandemia do coronavírus**, 2020. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/85450-chefe-da-onu-alerta-para-aumento-da-violencia-domestica-em-meio-pandemia-do-coronavirus>. Acesso em: 16 fev. 2023.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Precisamos falar com os homens?** Uma jornada pela igualdade de gêneros. ONU Mulheres Brasil, 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LBB029RxJA0>. Acesso em: 16 fev. 2023.

RIBEIRO, Djamila. **Lugar de fala**. Feminismos Plurais. São Paulo: Jandaíra. 2019.

RIO GRANDE DO SUL. Secretaria de Planejamento, Orçamento e Gestão (RS). Fundação de Economia e Estatística. **DEEDADOS**, 2019. Disponível em: <http://feedados.fee.tche.br/feedados/>. Acesso em: 16 fev. 2023.

SCOTT, Joan. **Gênero**: uma categoria útil para análise histórica. *In* HOLANDA; Heloisa B. de (org.), Pensamento feminista. Conceitos fundamentais, Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019. p.49-82.

URZAIZ, Begoña G. Nove exemplos de machismo cotidiano que deveriam ser erradicados. **El País**, 2017. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2017/12/30/estilo/1514655163_405027.html. Acesso em: 16 fev. 2023.

VALA, Jorge. **Racismos**: representações sociais, preconceito racial e pressões normativas. *In* JESUÍNO, Jorge C.; MENDES, Felismina R. P.; LOPES, Manuel J. (orgs.). As representações sociais nas sociedades em mudança. Petrópolis: Vozes, 2015. p.153-183.

VARELLA, Drauzio. Ideologia de gênero. **Portal UOL**. 2019. Revisado em: 13 de agosto de 2021. Disponível em: <https://drauziovarella.uol.com.br/drauzio/artigos/ideologia-de-genero-artigo/>. Acesso em: 16 fev. 2023.

WOLLSTONECRAFT Mary. **Reivindicação dos Direitos da Mulher**. São Paulo: Boitempo. 2016

SOBRE AS\OS AUTORAS\ES

Adriane Roso – Psicóloga, Doutorado em Psicologia (PUCRS). Pós-Doutorado em Comunicação (UFSM), Pós-Doutorado em Psicologia Social (Harvard University), Docente do Departamento de Psicologia e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia (UFSM). Docente do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Gênero (UFSM).

André Oliveira Costa – Psicólogo, filósofo, psicanalista, Doutorado em Educação (UFRGS), Pós-doutorado em Humanidades, Direitos e Outras Legitimidades (USP). Professor visitante do Programa de Pós-Graduação em Psicologia (UFSM).

Caroline Matos Romio – Psicóloga, Mestra em Psicologia (UFSM), técnica administrativa em Educação (Psicologia).

Mirela Sanfelice – Psicóloga, Mestra em Psicologia (UFSM).

Taís Fim Alberti – Psicóloga, Doutorado em Educação (UFRGS), docente do Departamento de Psicologia e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia (UFSM).

Atribuição de crédito a www.freepik.com:

Elemento gráfico abstrato, capa e miolo:

FREEPIK. **Environment instagram posts**. Disponível em: https://www.freepik.com/free-vector/environment-instagram-posts_10280215.htm. Acesso em: nov. 2022.

Ilustrações capa e folha de rosto:

FREEPIK. **Modelo de página de destino plana internacional desenhada à mão para o dia dos direitos humanos**. Disponível em: https://br.freepik.com/vetores-gratis/modelo-de-pagina-de-destino-plana-internacional-desenhada-a-mao-para-o-dia-dos-direitos-humanos_19460394.htm#&position=1&from_view=undefined. Acesso em: jan. 2023.



UFSM
PRE